



# Uma carta para Jorge de Sena

Não consigo ver no fim da aventura de Bendrix e de Sarah nenhum Deus, só o vazio, o abismo da perda...



Rui Patrício

Num tempo em que já não se mandam cartas e se escreve cada vez menos (mensagens, posts, frases de circunstância e pensamentos descartáveis não contam), apetece-me (e preciso) escrever uma carta ao senhor Jorge de Sena. E tem de começar por “senhor”, não só porque alguém que morreu antes de eu sair da infância e tem tanta grandeza nas palavras que nos deixou não é outra coisa senão um senhor, mas também porque o uso das palavras tem o poder da restauração, e importa restaurar sempre o significado, verdadeiro e próprio, de “senhor”, no seu sentido profundo e não classista, materialmente nobre. Seja, pois, assim:

Senhor Jorge de Sena, há sempre ocasião para o desapontamento e mais tarde ou mais cedo ele surge, é da natureza das coisas humanas. O desaponta-

mento é a evidência da imperfeição. Nunca, até agora, o li com desapontamento, antes pelo contrário. “O Físico Prodigioso” deslumbrou-me e aguçou-me o pensamento, na vez primeira e sempre que o reli. A recordação de “Sinais de Fogo”, essa peça essencial da narrativa em português, há de sempre maravilhar-me e inquietar-me, com o grande, bravo e metafórico mar da Figueira da Foz e da adulta juventude em fundo. Alguns poemas doem-me tão fundo que custa reler, e “Peregrinatio ad Loca Infecta” é música. *Et cetera*. Mas agora, ao ler o seu prefácio à tradução que fez de “The End of the Affair”, de Graham Greene, o desapontamento veio e instalou-se. O senhor vê nesta obra (e creio, se bem li, que vê em muitas obras) de Greene o problema de Deus, mas eu não vejo isso, só vejo cinzas retrospectivas e, prospetivamente, a incapacidade de viver o presente feliz, eternamente ameaçado pela promessa das mesmas cinzas. Tudo acaba, e essa aguda consciência não deixa que nada verdadeiramente comece. Deus não é mais do que uma ilusão que sublima a crua (des)ilusão do presente.

Mas o desapontamento não é consigo, é comigo, que não consigo ver no fim da aventura de Bendrix e de Sarah nenhum Deus, só o vazio, o nada, e a ameaça disso que já lá estava desde o início e que talvez não lhes tenha permitido viver com inteira felicidade a sua aventura, sempre à beira do abismo da perda, da aniquilação da carne e do afeto, da irremediável sensação, a crua certeza, de que tudo passa, fenece e é precário, transitório e imensamente frágil. Quem sabe se Henry, o marido de Sarah (que não lhe foi verdadeiramente infiel, como nunca o foi ao amante Bendrix, senhor de outro reino), não é a personagem mais feliz? Porque nunca nada esperou ou quis, sabendo que aquele quieto quotidiano era, em si, tudo o que havia e tudo o que alguma vez poderia ter. O mal está em esperar e querer demais. E a chave está no pensamento de Santo Agostinho que o senhor cita, que nos diz que o inimigo mortífero é o tempo, porque vem do futuro, e o futuro ainda não é (e talvez nunca seja), e o presente, tão efémero quanto um sopro, logo se volta em passado, e este, uma e outra vez, já deixou de ser. Esse é o mistério da (impossível?) comunhão, da comunhão humana.

Senhor Jorge de Sena,  
há sempre ocasião para o  
desapontamento  
e mais tarde ou mais cedo  
ele surge, é da natureza  
das coisas humanas

*Escreve quinzenalmente  
à sexta-feira*